

# Modos de Habitar: uma práxis do desenho na arte contemporânea

Lúcia Fonseca

## Como citar:

FONSECA, L. Modos de Habitar: uma práxis do desenho na arte contemporânea. *MODOS: Revista de História da Arte*, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p.621-649, mai. 2022. DOI: 10.20396/modos.v6i2.8669361. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8669361>.

Imagem [modificada]: *Habitar o Espaço*, borracha vulcanizada recortado em forma de rolo, 2011. Foto: Tácito Carvalho e Silva. Arquivo da artista.

# Modos de Habitar: uma práxis do desenho na arte contemporânea\*

Modes of Inhabiting: a praxis of drawing in contemporary art

Lúcia Fonseca\*\*

## RESUMO

A pesquisa *MODOS DE HABITAR: a práxis do desenho na Arte Contemporânea* (2009/ atual) tem por objetivo investigar espaço/narrativa/memória/processo de criação por meio de ações da ordem do desenho/pintura/instalação/cadernos e livros de artista. Prioriza o estudo do desenho na história da arte contemporânea voltado, principalmente, aos processos de criação dos artistas, conceitos e poéticas. A pesquisa fez parte dos trabalhos do Grupo de Pesquisa Estratégias Expositivas do Desenho em Arte Contemporânea (2014/2019). Até o momento quatro exposições individuais e uma exposição coletiva resultaram desta pesquisa. Para este artigo, estabeleci um recorte que abarca duas das exposições realizadas até o momento, as instalações *Habitar o Espaço* (2011) e *Habitar o(utro) Espaço* (2012).

## PALAVRAS CHAVE

Desenho Contemporâneo. Instalação. Espaço Real. Lugar. Pesquisa de Suportes.

## ABSTRACT

The research *MODES OF INHABITING: a praxis of drawing in contemporary art* (2009/ current) aims to investigate space/narrative/memory/creation process through drawing/painting/installation/notebooks and artist books. It prioritizes the study of drawing in the history of contemporary art, mainly focused on the artists' creation processes, concepts and poetics. This research took part of a Group of Studies, named Exposition Strategies in Drawing in Contemporary Art (2014/2019). So far, four solo exhibitions and one group show have resulted from this research. For this article, I'll focus on two of the solo exhibitions held so far, the installations *Habitar o Espaço* (2011) and *Habitar o(utro) Espaço* (2012).

## KEYWORDS

Contemporary Drawing. Installation Art. Real Space. Place. Research in Alternative Sheets.

Este artigo pretende discutir o desenho contemporâneo a partir da seleção de duas das quatro exposições individuais<sup>1</sup> que compõem parte da minha pesquisa artística *Modos de Habitar: uma Práxis do Desenho na Arte Contemporânea* (2009/atual). *Habitar o Espaço - Instalação*, ocorreu em 2011 no Museu de Arte Contemporânea de Campinas, o MACC e *Habitar o(utro) Espaço - Instalação*, ocorreu em 2012 no foyer do Teatro Municipal de São Carlos "Dr. Alderico Vieira Perdigão". Em ambas as exposições, assim como nas demais mostras da pesquisa, tive a parceria de Cláudia França como curadora e participe das suas montagens. Em nossas discussões sobre como ocupar o MACC com desenho, surgiram entre várias outras, questões sobre transitar, sobre o ir e vir entre planos bi e tridimensional, sobre como ocupar com desenho o espaço real do museu: instalar > instalação > desenhar o espaço. O foco do artigo é sobre questões do espaço e da narrativa na formação de um quadro comparativo da forma e do material estudado a partir da experiência e da vivência com e nessas instalações.



FIG. 1. "Shift" de Richard Serra (1970).  
Fonte: Wikimedia Commons.

Richard Serra no texto "Deslocamento", realizado para a obra *Shift* (King City, Ontário, Canadá, 1970) [Fig.1], diz o seguinte:

Eu queria uma dialética entre a percepção que uma pessoa tem do lugar, em totalidade, relação que tem com o campo, caminhando. O resultado é uma maneira da pessoa se medir a si mesma, ante a indeterminação do terreno. Não estou interessado em olhar a escultura definida exclusivamente por suas relações internas.

Quando você quica uma bola em um solo irregular, ela não volta para sua mão (*apud* Ferreira, 2006: 326).

Esse posicionamento de Serra é muito intrigante. O trabalho a que o artista se refere, *Shift*, ocorreu direto na localidade, mas a metáfora da bola que quica permite pensar uma analogia com o comportamento das borrachas nas duas instalações de minha autoria.

## **Questões próprias do processo de as borrachas e desenhos habitarem o espaço do museu**

No Museu de Arte Contemporânea de Campinas (MACC) foi realizada a instalação artística *Habitar o Espaço*, no período de 16 de novembro a 11 de dezembro de 2011. Durante a mostra foi desenvolvido o Ateliê, de 05 a 11 de dezembro de 2011. A exposição contou com a curadoria de Cláudia França, que participou da montagem junto à equipe do museu, e de Cloves Marcão, na época aluno do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UNICAMP; houve também o acompanhamento fotográfico de Tácito Carvalho da Silva.

A instalação ocupou 400m<sup>2</sup> de área, composta por duas salas contíguas e intercambiáveis, separadas parcialmente por uma parede de madeira. Os 400m<sup>2</sup> do MACC ofereceram ao projeto um lugar amplo, silencioso, quase asséptico e hierático tal qual descrito por Brian O'Doherty em seu modelo de Cubo Branco (2002).

Naquele espaço expositivo, o mundo externo realmente ficou fora, com sua ebulição de vida, enquanto que no seu interior parecia haver um mundo

em suspensão. No caso, a diferença se tornou clara quando a situação de localização do museu foi de fato percebida: o prédio fica na área central da cidade, comporta no andar de cima a Biblioteca Municipal e compartilha do mesmo terreno do prédio da Prefeitura Municipal de Campinas e todo o complexo é integrado pelo paisagismo. No local há um movimento enorme de pessoas, ali a vida acontece plena.

Constatar a existência e a diferença entre esses dois espaços (o interno e o externo) foi compreender que ao entrar no MACC, você não só adentra um mundo outro, fora daquele que ficou para trás onde a vida se agita, mas se dá conta da existência/presença do espaço expositivo em si. Atentei-me que aquele espaço, proporcionado pela própria estrutura física do museu, provocou em mim outros modos de ocupá-lo. Isto suscitou um questionamento inicial: como ocupar, transformar e habitar, ou melhor, como abalar esse estado de suspensão do espaço interno do MACC, com desenho?

Discutir e trocar ideias com a curadora, Cláudia França, sobre a questão acima, resultou na necessidade premente de se realizar uma maquete da área a ser ocupada, maquete esta destinada a estudar, entender e compreender tanto as questões do plano e da plástica, quanto as questões do mundo outro – espaço/museu – ambas presentes no projeto artístico.

O material escolhido para desenvolver o trabalho foi a borracha vulcanizada preta. A borracha já existia nos guardados do meu processo criativo, pois por volta dos anos 1990 recolhi uma câmara de pneu de motocicleta do asfalto, por causa da cor preto fosco, das linhas de emenda e dos rasgos toscos. No ateliê, essa câmara de pneu foi recortada e transformada em algumas pequenas formas, já com o intuito de pensar a mancha gráfica do desenho. Matisse e seus guaches feitos à tesoura colaboraram para essas anotações com a borracha, que acabaram guardadas por anos numa gaveta do meu ateliê.

Lembro que Matisse afirma em seus escritos que recortar é desenhar na cor com a tesoura (2007: 240).

Os recortes, anotações de borracha, propiciaram profícuas discussões com a curadora e se tornaram o foco do projeto, junto aos desenhos produzidos sobre papel a partir dos anos 1990. A relação estabelecida das anotações com os desenhos daqueles anos foi com a presença em suas grandes superfícies de formas pretas, manchas monocromáticas de matérias espessas, resultantes das operações com têmpera vinílica. Esses desenhos foram produzidos sobre papel Canson de rolo, 2,00m de altura por 2,50m de comprimento e papel Canson A3, folhas justapostas. Também nesses desenhos o recorte já existia. Suas configurações apresentavam pontas brancas e escuras, rabos que avançavam para fora dos limites dados pelo papel e de sua forma precisa de corte industrial.



FIG. 2. *Série ZP*, desenho sobre papel Canson, 2,70m X 1,68m, técnica mista, 1990. Foto: Tácito Carvalho e Silva. Fonte: arquivo da artista.

Já nos desenhos mais recentes, as questões do recorte estavam relacionadas às narrativas visuais. Produzidos na medida A3 do papel Vergê



branco, esses desenhos de cor foram elaborados com uma pele espessa colorida proveniente do tratamento de várias camadas. Trabalhei com uma diversidade de materiais, como o grafite, nanquim, pastel oleoso e seco, lápis de cor entre outros. Nos desenhos, a narrativa se deu, entre outras situações de linguagem, pelo jogo de possibilidades de combinações e recombinações estabelecidas entre as imagens e suas anotações sobre a casa habitada. Por conta desse jogo entre as imagens, também a montagem expositiva se utilizava do mesmo jogo, acrescida das características do espaço do ambiente das galerias e do museu onde foram expostas. Sobre esses desenhos, Cláudia França escreve:

Os insistentes lances do antebraço sobre o plano pela escala menor do suporte, sabe que não podem avançar tão longe. A noção do limite carrega o espaço de intensidade. Há um silêncio tenso em cada composição. O silêncio que vem antes da tempestade. O que se esconde sob tantas e tantas camadas de gestos, traços, hachuras e manchas?

E o tempo?

Por debaixo dessa matéria, gráfica, pictórica e plumbica – o que habita? Qual o limite entre desenhar e apagar, ou seja – quando cada camada matéria se faz, o que ela faz: reforça o peso da imagem ou apaga o momento anterior? Como se desenho e apagamento fossem dois lados do mesmo suporte. Até quando ele suportará essas ações que se desdizem? (França, 2009)

O texto de França mostra que, além da importância do recorte, presente nos trabalhos do período dos anos 1990 até 2000, o material e sua matéria sempre nortearam meus interesses pelo pensamento do desenho como pesquisa artística.

A partir das avaliações decorrentes dos estudos com a borracha e a maquete, artista e curadora avançaram com as considerações sobre como ocupar o MACC, chegando à tríade materiais, ações e linguagens, exemplificada no esquema:

borracha/recorte/desenho > para borrachadesenho > para desenhar no espaço real do museu > para instalar-se > instalação.

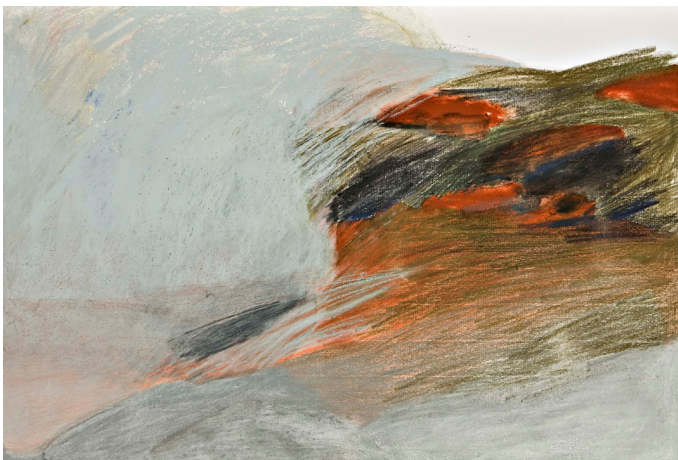


FIG. 3. Série A Casa, 29cm X 42cm, desenho sob papel Vergê, pastel seco e oleoso, grafite, lápis de cor, crayon, 2000. Foto: Tácito Carvalho e Silva. Fonte: arquivo da artista.

Investigado no mercado, o material borracha apresentou diversidade variada de formas e funções. A minha escolha recaiu sobre o lençol de borracha vulcanizada preta, um plano de 2mm de espessura por 1m de largura e 20m de comprimento. Manuseado, o material se mostrou flexível e de fácil corte.

Faixas e figuras planas foram cortadas do lençol e modeladas na maquete. Junto delas foram incluídos os desenhos dos anos 1990 até o fim dos anos 2000. Os estudos criaram configurações que mostraram certas dificuldades de passagem entre os planos bidimensional e tridimensional.

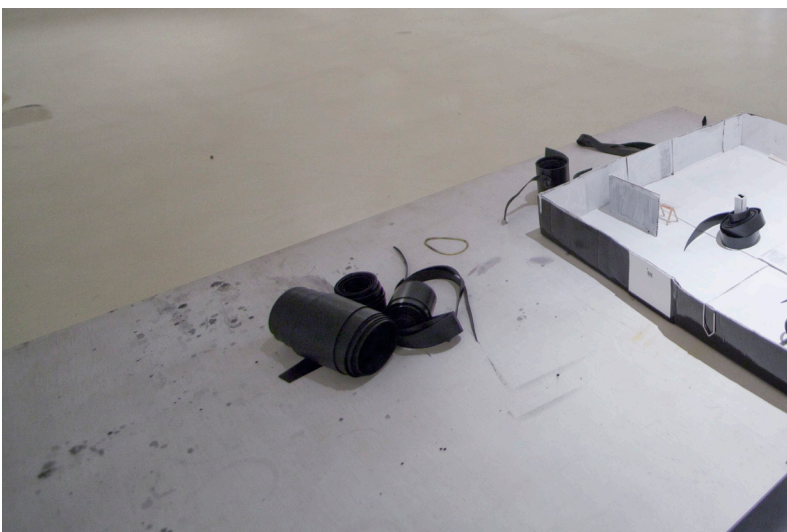


FIG. 4. Maquete utilizada no estudo da montagem da Instalação *Habitar o Espaço*, Museu de Arte Contemporânea de Campinas - MACC, 17 de novembro a 11 de dezembro de 2011. Foto: Tácito Carvalho e Silva. Fonte: arquivo da artista.



Ou seja, até aquele momento do MACC, eu havia trabalhado no suporte de duas dimensões que é o papel. O suporte era recortado. A superfície do papel recebia uma pele. O desenho com pontas e rabos era montado direto na superfície da parede, de modo a tensionar o espaço ao seu redor. Já no espaço real do MACC, não havia superfície e parede, mas chão, teto, paredes, passagens, cantos, colunas, vigas e a borracha. A maquete mostrou que era necessário rever os parâmetros sobre o espaço assumido por mim até aquele momento.

Em diálogo com a curadora, o entendimento decorrente dos estudos na maquete foi que o espaço do museu era um espaço do mundo e, como tal, exigente de um fazer em obra, de acontecer na ação de se instalar no espaço e, nesse caso, de se fazer *borrachadesenho*.



FIG. 5. Lençol de borracha vulcanizada recortado em forma de rolo, 2011.  
Foto: Tácito Carvalho e Silva. Fonte: arquivo da artista.

Rodrigo Naves, no texto de apresentação (orelha) do livro *O Espaço Moderno* de Alberto Tassinari (2001), realiza o seguinte comentário sobre o espaço discutido pelo autor:

Não por acaso sublinhei um dos aspectos da forma moderna: o espaço. Para o autor, de fato, a espacialidade contemporânea revela uma via de acesso

privilegiada para a compreensão da passagem de uma etapa artística a outra. O mundo começa a se construir com as colagens cubistas – oscilando permanentemente entre o real e a representação – adquire um novo estatuto em várias obras contemporâneas. Nelas, o mundo da obra e o mundo em comum deixam de ser entidades separadas, e passam a trocar de posição sem cessar. Não se trata de uma simples diluição, ou promiscuidade. Ambas as esferas – a realidade e a arte – mantêm suas particularidades, embora a arte esteja a todo momento pondo em xeque a placidez com que o real procura se instituir (Naves, 2001: Orelha do livro).

## **A instalação Habitar o Espaço, MACC, 2011**

Desenhar no espaço. Esta foi a ação que se concretizou no MACC, numa instalação artística por meio dos estudos realizados com a maquete.

O MACC é um espaço conhecido, ideal para receber e acomodar propostas artísticas, como descreve a noção do Cubo Banco, desenvolvida por Brian O’Doherty (2002). Apresenta um interior mais horizontalizado por causa da amplidão das salas e a relação com o pé direito de 3,50m, um chão sem depressões e andares, bem como, um ambiente branco praticamente limpo de informações. É um interior e um ambiente que requisitam do seu visitante um olhar e um deslocamento sobre o eixo horizontal. *Habitar o Espaço* utilizou desse eixo.

Ao entrar no museu, o espectador se defrontava com uma visão panorâmica da exposição. À sua frente, faixas negras de diversas larguras e comprimentos percorriam o ambiente branco e **do chão alçavam às paredes**; também no chão havia figuras pretas. Faixas e figuras, além de desenhos em papel compartilhavam do ambiente. Uma forma similar à letra **M** era dada a ver ao meio dessa panorâmica; à direita, outra letra **M** e, à esquerda, três desenhos em papel de grande formato.

Um passo adiante e o desenho se reconfigurava. Faixas eram linhas e formas eram planos. O material utilizado ainda não era conhecido, era algo

muito distinto dos materiais da tradição do desenho: o lápis e o pincel. E o espaço dado pelo ambiente do museu era o que o desenho modelava.

A cada passo, o espectador percebia o material, borracha, relações novas entre a borracha e os espaços que ocupava, ou seja, ele descobria “novo material” e “novas formas” para um “novo espaço”.

Nas caminhadas pelo ambiente, o corpo do espectador não era só regulado pela linha do horizonte dada pela panorâmica, mas também pela necessidade de se mover gestualmente no ir e vir de um corpo que toca, abaixa, levanta e senta. A gestualidade era necessária para melhor investigar o material, os espaços e as *borrachasdesenho*, os desenhos sobre papéis e vivenciar/ler o texto de apresentação criado pela curadora.

O texto foi dividido em cinco partes e aplicado por ela mesma nas paredes e no chão com letras de adesivo. No ambiente da mostra, o texto era tanto apresentação quanto escrita/desenho, pois o conjunto de signos gráficos participavam, com a borracha, da modelagem do espaço, ao serpen-tear faixas da parede para o chão e entremear blocos de letras à montagem dos papéis. As tiras de texto também forneciam um tom de cinza que jogava com o preto da borracha e com as informações cromáticas dos desenhos em papel.



FIG. 6. Instalação *Habitar o Espaço*, lençol de borracha vulcanizada e desenhos sob papel, Museu de Arte Contemporânea de Campinas – MACC, 17 de novembro à 11 de dezembro de 2011. Foto: Tácito Carvalho e Silva. Fonte: arquivo da artista.

De acordo com Cláudia França, quatro blocos, de aproximadamente 100m<sup>2</sup> cada, demarcavam trajetos de linguagens e de conceitos a serem percorridos e vivenciados no ambiente pelo espectador.

O desenho da planta baixa do museu e do projeto curatorial explica melhor essa questão:

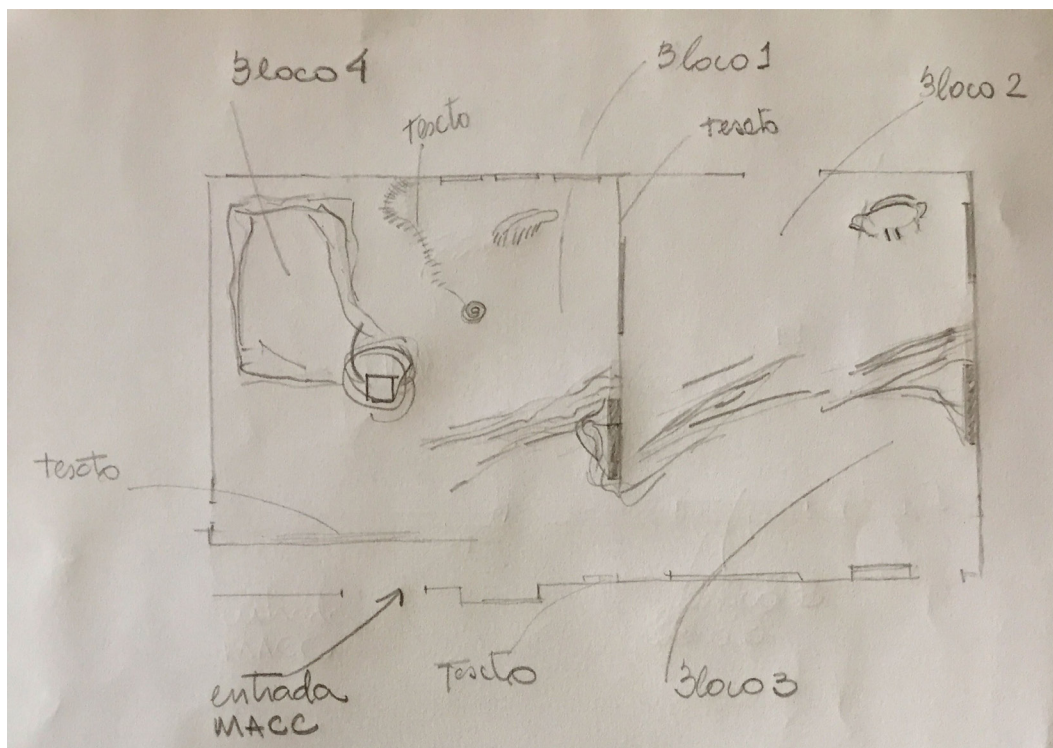


FIG. 7. Desenho topográfico do projeto curatorial da Instalação, demarcação de trajetos de linguagens e de conceitos, Museu de Arte Contemporânea de Campinas - MACC , 11 de novembro à 17 de dezembro de 2011. Fonte: arquivo da artista.

**Bloco 1** - na parede ao fundo estavam grampeados os papeis de grande formato trabalhados à têmpera vinílica. Com esses desenhos, mais precisamente com suas manchas negras, um diálogo visual era estabelecido com o plano preto do chão, o recorte ASAborracha. Mais à frente na sala estava a primeira letra M e o segundo M estava na sala ao lado. Verticalizadas e presas nas paredes por barras planas de ferro uma e outra letra M se igualavam ao olhar por um efeito ilusório de



perspectiva. Cada letra M era proporcional à altura do meu corpo e do comprimento de um dos braços;

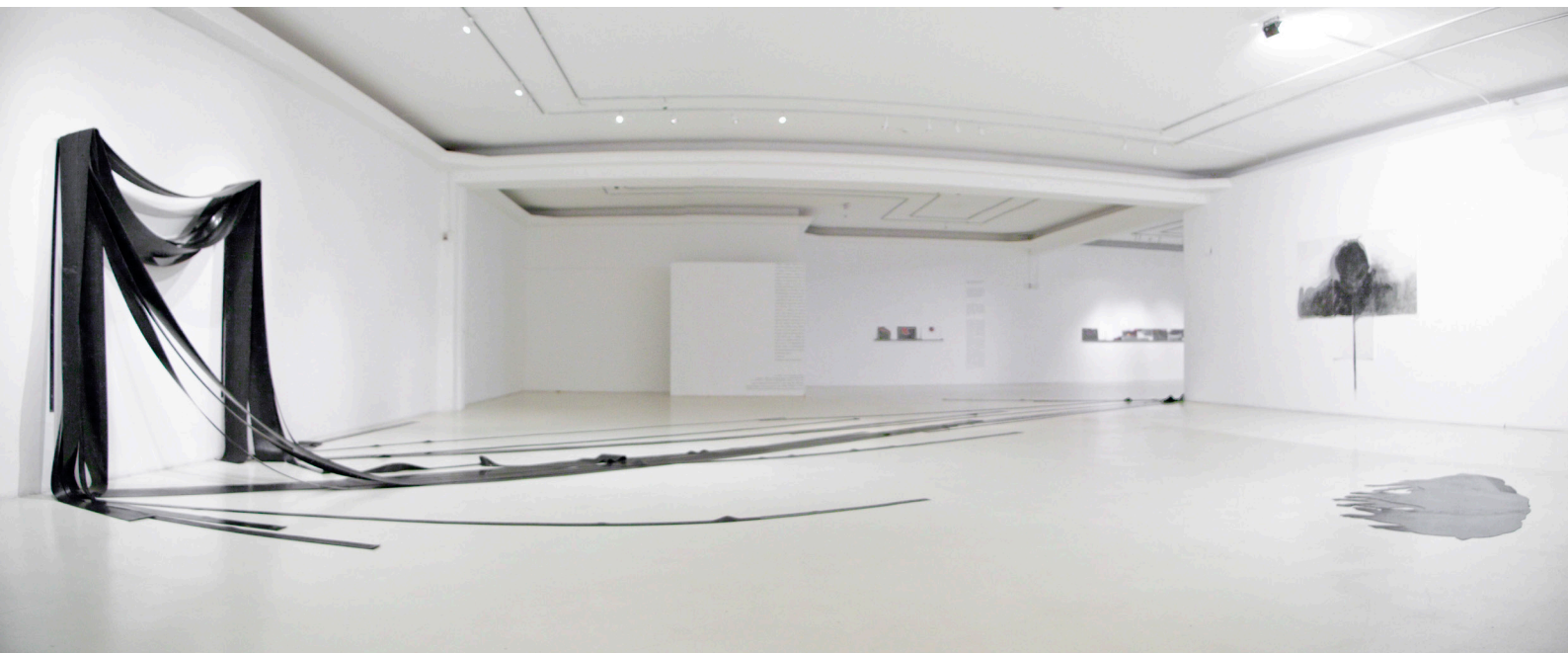


FIG. 8. Instalação *Habitar o Espaço*, lençol de borracha vulcanizada e desenhos sob papel, Museu de Arte Contemporânea de Campinas – MACC, 17 de novembro a 11 de dezembro de 2011. Foto: Tácito Carvalho e Silva. Fonte: arquivo da artista.

**Bloco 2** - na segunda sala havia mais dois grandes desenhos, sendo que um deles apresentava um recorte em forma de rabo e, frente a este, havia o recorte de chão DAXborracha. O texto seguia aplicado em partes nas paredes deste e dos demais blocos;

**Bloco 3** - na mesma sala estava a segunda letra M e na parede da frente, como que colocada numa espécie de corredor de passagem, encontrava-se a série colorida de papeis A3, apoiada em linha sobre um perfil de ferro. O perfil era fixado na parede abaixo da linha do horizonte, ao lado, acompanhado do texto;

**Bloco 4** - O Ateliê foi um exercício de desenho em processo, desenvolvido por mim no local do museu juntamente com o assistente Cloves Marcão. O exercício ocorreu durante 07 dias de 05 à 11 de dezembro de 2011, das 9:00h às 13:00h.



## O Ateliê e o exercício no museu

Todos os dias, uma nova “folha de um Caderno de Desenho” era traçada, ou melhor, modelada por mim e por Cloves no espaço do Bloco 4 com a borracha preta fosca.

O caderno em si constitui um objeto e um suporte de fácil manuseio e transporte. Nele o artista pode registrar a marca vivificadora das suas experiências com as coisas do mundo, com o outro e consigo mesmo. Manipular, moldar, apagar, cortar, rasgar, riscar o caderno e as folhas pode ser um modo de se estar lá, nas páginas, e de se habitar o caderno como um lugar.

Foi com base nesse pensamento que o ateliê foi desenvolvido no MACC e a metáfora da “folha de um Caderno de Desenho” foi utilizada para se desenhar no espaço. Para Cláudia França, há “modos de o desenho alojar-se em outro lugar, habitar, tomar posse de um espaço” (texto da exposição coletiva *Habitar o Desenho*, 2018).

Para que houvesse museu/caderno/folha/página/desenho e espaço foi necessário compreender o material e suas técnicas; no caso do lençol de borracha, as ações de cortar, de enrolar e de amontoar foram fundamentais para que se modelassem às formas arquitetônicas.

O local do ateliê no museu foi definido pelo projeto curatorial para ficar na primeira sala, na área a esquerda da coluna. No local, numa área retangular de 100m<sup>2</sup>, criei uma espécie de canto de trabalho para o qual transporte com Cloves Marcão os rolos de borracha e alguns equipamentos, como cavaletes, tampo de vidro, estiletes entre outros.

O trabalho ocorreu como previsto, no período da tarde, durante os últimos sete dias da exposição de 05 a 11 de dezembro de 2011.

O material lençol de borracha PESA. Tem cheiro, cor, espessura, comprimento e é maleável. No chão do museu a faixa recortada tinha som. E a manta tinha o plano preto.

Cada rolo pesava 20 quilos. A manta apresentava 20m de comprimento

por 1m de largura. Utilizei três unidades. No ateliê/casa, o transporte e o manuseio dos rolos para o recorte das faixas era feito por mim em tempos intervalados, mas no museu os intervalos não eram possíveis, pois era preciso ocupar o espaço. O tempourgia, era curto. Também era preciso de se ter ajuda para lidar com os rolos.

Em um primeiro momento de trabalho, Cloves Marcão e eu começamos com o movimento de carregar os rolos. Nossos corpos e suas particularidades se moveram pelo espaço em sintonia gestual. Em diferentes posições, três rolos foram repousados no branco do chão do ateliê/museu. A forma tubular deles permaneceu íntegra no repouso, assim como a cor preta.

Na área que se formou, apesar do repouso das formas, o espaço era visualmente tensionado para os lados e para baixo pela presença maciça e volumétrica dos rolos no branco do chão. Naquele instante já era o material em ação. Entendemos que a relação com o espaço se dava tanto pelo seu peso físico quanto pelo peso visual.

Numa nova “folha” ou página do caderno, realizamos um outro exercício com os rolos desenrolados. Trabalhamos com o plano das mantas, que eram longas e maleáveis.



FIG. 9. Ateliê da Artista, exercícios de desenho com borracha vulcanizada realizados de 05 à 11 de dezembro de 2011, como parte da Instalação *Habitar o Espaço*, Museu de Arte Contemporânea de Campinas - MACC, 17 de novembro à 11 de dezembro de 2011. Foto Tácito Carvalho e Silva. Fonte: arquivo da artista.

A coluna não passava despercebida no espaço do MACC. E com a manta, como que numa dança, Cloves e eu envolvemos a base da coluna num movimento em espiral. Na maquete, o resultado da faixa espiralada figurava uma espécie de “caracol”. Porém, se na maquete a faixa estava em pé, no espaço real ocorreu uma situação completamente diferente com a manta. A coluna praticamente incorporou a manta de borracha, que aderiu à sua forma quadrada e o “caracol” deixou de existir. O material foi moldado pelo formato da estrutura vertical. O problema que houve estava na espessura real da faixa de borracha, que pouco foi considerada na escala da maquete.

Envolvidos no processo de criação, assumimos aquele resultado. Na área do chão e a partir da coluna uma figura linear retangular, criada com dobras amontoadas e camadas, tomou a área do ateliê. Finalizado o exercício, a página estava pronta. Entretanto, ação de apagar a página veio em sequência, visto que um novo desenho se vislumbrava.



FIG. 10. Ateliê da Artista, exercícios de desenho com borracha vulcanizada realizados de 05 à 11 de dezembro de 2011 como parte da Instalação *Habitar o Espaço*, Museu de Arte Contemporânea de Campinas - MACC, 17 de novembro à 11 de dezembro de 2011. Fonte: arquivo da artista.

O preto desse exercício se mostrou luminoso e com variações monocromáticas, em decorrência da incidência de luz sobre os planos, as dobras e os amontoados.

Parceiros - Cloves e eu - compreendemos que, no caso, o que imperava na configuração do diálogo com o espaço era o material, a cor e novamente, o peso.

A curadora, ao discutir a relação entre desenho, espaço real e a influência do material no fazer, escreveu o seguinte:

na lida com o peso físico e outras características do material escolhido, na escolha de deixar que a força da gravidade estabeleça a mobilidade final das coisas e experimentar momentos de resistência a essa força, os trabalhos resultantes passam a estabelecer intensas conversas com o espaço real (França, 2012).

O ateliê foi a possibilidade ampliada de melhor exercitar, apreender e compreender, no fazer de um continuado processo criativo, questões de linguagem e conceitos sobre o espaço ideal do museu, sobre desenho e de conhecer o material com o qual eu estava lidando: o lençol de borracha vulcanizada.

E, sim, um caderno de desenho foi desenvolvido na área do ateliê, não um caderno como conhecemos, mas um caderno metafórico, entendendo suas páginas como as paredes do museu, as inscrições, escritas e rasuras como as movimentações dos planos e linhas de borracha. Então, esse “caderno” e suas “páginas”, quando configuradas/apagadas/reconfiguradas, realizaram o diálogo entre as *borrachasdesenho* e o espaço real do MACC.

## **A instalação *Habitar o(utro) espaço*, Teatro Municipal de São Carlos, 2012**

*Habitar o(utro) Espaço* ocorreu no *foyer* do Teatro Municipal de São Carlos “Dr. Alderico Vieira Perdigão”, no período de 03 de outubro a 02 de dezembro de

2012 e o Ateliê funcionou de 23 a 30 de outubro das 16h00 às 18h00. Cláudia França foi novamente a curadora, participou ativamente do preparo e da montagem da instalação, junto aos dois agentes culturais vinculados à Secretaria de Cultura de São Carlos. Também contei com a participação de João Marques no preparo e montagem da instalação e como meu assistente no desenvolvimento do ateliê. Na época, ele era aluno do curso de graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UNICAMP. O fotógrafo Tácito Carvalho e Silva registrou todo o processo da montagem e desenvolvimento do ateliê.

Na época, havia outros espaços disponíveis para ocupação, preparados para receber exposições de artes visuais, constantes no edital a que submeti o projeto. No entanto, o local escolhido diferenciava-se dos demais por suas características espaciais e funcionais. No teatro, o *foyer* é o local onde o público fica para aguardar o início das apresentações, descansar e confraternizar nos intervalos e nos finais das peças de artes cênica, dança e música.

No Teatro Municipal de São Carlos, o *foyer* é uma estrutura arquitetônica retangular e transparente feita principalmente de vidro e ferro.

O complexo do teatro ocupa uma quadra de topologia em declive. Na parte baixa do terreno, extremidade do prédio, primeiro piso, estão localizados a área do terraço e do *foyer* e, na sequência, o teatro em si. No térreo estão distribuídos a bilheteria, corredor expositivo, copa, sala de recepções, garagem e depósito cênico.

De grande porte, a área do *foyer* apresenta uma forma retangular, estruturada por gradil de ferro e vidro: a caixa de vidro. Dos quatro planos verticais do retângulo, três são transparentes e translúcidos e o único plano opaco e plenamente branco é também a única parede de alvenaria do interior do primeiro piso. De cada lado da parede estão as portas de entrada para a platéia do teatro. O plano horizontal do teto é branco e do chão é de cimento queimado cinza.



Duas escadas de metal, externa e interna, dão acesso ao público de um para outro andar, assim como um elevador interno. No interior, um vão livre une visualmente os dois pavimentos.

Na área de baixo, térreo, as cores cinza e branco se mesclam nas paredes e o chão também é de cimento acinzentado. Na época da mostra, o ambiente de cima apresentava móveis baixos, cubos modulares pretos e no ambiente de baixo cubos vermelhos. Eles eram disponibilizados para acomodar o público e foram retirados dos ambientes na época da mostra.

Diferentemente do espaço do MACC - em que havia delimitação precisa entre o exterior e o interior - o espaço do *foyer* apresentava uma situação completamente adversa do espaço do museu: a ebulição do exterior avançava para dentro, em função da mediação do vidro e da estrutura de grelha metálica. Era a inquietude do mundo exterior dada pelo dia e pela noite que atravessava para dentro, através das qualidades do material vidro. Também o som do movimento da rua atravessava para dentro, invadindo o espaço interior. O alvoroço do público criado no momento de espera do início das peças ampliava a inquietação do ambiente.

Ao estar naquele espaço era quase impossível se abster do movimento do mundo que entrava de fora para dentro. E dentro da caixa, em momentos específicos, era necessário vivenciar o movimento do mundo que transcorria naquele interior aliado ao atravessamento vindo de fora.

O espaço do *foyer*, era para mim um espaço INQUIETO.

E como tal, o espaço inquieto do *foyer* era o oposto do MACC, que se apresentou como um espaço ideal, silencioso, asséptico e quase hierático, aquele definido como Cubo Branco por O'Doherty. Se no caso do espaço do museu a questão era *como abalar seu estado* de suspensão no espaço do *foyer*, a questão era: *como interagir com seu estado de inquietude?*

Considerar a interação das *borrachasdesenho* com o espaço real da caixa de vidro foi não só criar e realizar a instalação, mas a oportunidade de ampliar, estender e dilatar minha pesquisa sobre desenho no espaço real, de modo que o “mundo da obra e o mundo em comum deixam de ser entidades

separadas, e passam a trocar de posição sem cessar”, como escreve Rodrigo Naves (2001).



FIG. 11. Instalação - *Habitar o (utro) Espaço*, borracha vulcanizada, ocupou entorno de 250m<sup>2</sup> no primeiro piso e 60m<sup>2</sup> no chão do térreo, Foyer do Teatro Municipal de São Carlos “Dr. Alderico Vieira Perdigão”, 2011. Foto: Tácito Carvalho e Silva. Fonte: arquivo da artista.

A instalação *Habitar o (utro) Espaço* foi concebida para utilizar os lençóis e retalhos de borracha vulcanizada, empregados na instalação realizada no MACC. Dezesesseis rolos num total de 320m de borracha, 20 quilos cada, divididos entre rolinhos, faixas e mantas, foram empregados na montagem e no ateliê da segunda instalação. Para a instalação no *foyer*, não levei desenhos sobre papel.

O trabalho ocupou em torno de 250m<sup>2</sup> no primeiro piso, entre piso e paredes, e mais 60m<sup>2</sup> no chão do térreo, além da área vazada do vão que integrava os dois pavimentos.

Para a montagem, foi necessário preparar parte do material que veio do museu, retirar por lavagem o talco branco que cobria a borracha. O talco protege as mantas de borracha, mas dão efeitos não desejados de embranquecimento da superfície de modo não uniforme. Para a continuidade da pesquisa e da proposta curatorial era necessária a manutenção do material com suas características originais, como a cor preto fosco.

Em comum acordo com a curadora, realizei uma maquete do lugar para apreendemos e melhor compreendermos a escala e o eixo com o qual estávamos lidando. O pé direito da caixa era de 8,40m enquanto que o do museu era de 3,50m e, além dessa diferença, havia o vão, que dava continuidade ao espaço daquele lugar ao integrar primeiro piso e térreo.

Por conta da escala, o espaço proporcionava ao ambiente uma dimensão monumental. O eixo do espaço era vertical, pois nossa percepção do ambiente dirigia o olhar tanto para cima devido à monumentalidade, quanto para baixo em razão do vão aberto que abrigava os setores da área térrea, reforçando a verticalidade do espaço. No MACC, como vimos, foi o eixo horizontal que regulou o projeto da montagem, mesmo porque a própria estrutura arquitetônica era horizontalizada pela ausência de andares e declives e o pé direito de 3,50m. Diante dessas questões e características do *foyer*, a curadora e eu aferimos a necessidade de se estabelecer um novo modo de experienciar as *borrachasdesenho* no espaço real da caixa de vidro.

Mantivemos a letra M, que habitou a exposição do MACC. Mas naquele novo ambiente, a letra M quase triplicou de tamanho. A forma configurou sua monumentalidade ao acompanhar a proporção do pé direito de 8,40m<sup>2</sup>. Meu corpo de 1,70m já não era mais o registro da altura e de largura, pois o espaço requereu amplitude da forma. O M foi fixado a 6m de altura do chão, nos pilares da estrutura de metal que enxadrezava a única parede do ambiente. Para sustentar as diversas faixas de borracha de configuração do M, duas peças em forma de U, foram confeccionadas em Campinas, em chapa de ferro e presas por solda aos pilares. Os mesmos serralheiros a instalaram no lugar desejado. Apenas poucos e mínimos pontos de solda foram permitidos como

fixação. Como o prédio do teatro era tombado pelo patrimônio histórico, a condição negociada com a representante da Secretaria de Cultura foi que, ao término da mostra os pontos fossem retirados e a superfície original dos pilares fosse restituída.



FIG. 12. Instalação - *Habitar o(utro) Espaço*, borracha vulcanizada e ferro, ocupou entorno de 250m<sup>2</sup> no primeiro piso e 60m<sup>2</sup> no chão do térreo, Foyer do Teatro Municipal de São Carlos "Dr. Alderico Vieira Perdigão", 2011. Foto: Tácio Carvalho e Silva. Fonte: arquivo da artista.

A configuração do M se estendia dos amontoados frouxos em faixas da borracha para o vão. E dele para baixo, em direção ao piso do térreo. Lá se acomodava em uma forma espiralada. Na ocupação do espaço, letra M foi a única forma fixa da instalação, além dos recortes ASAborracha e DAXborracha, ambos alocados no piso inferior.





FIG. 13. DAXborracha, recorte de borracha vulcanizada, 1,40m X 1,00m X 4mm, 2012.  
Foto: Tácito Carvalho e Silva. Fonte: arquivo da artista.

O ambiente do térreo era mais fechado e voltado para dentro, se comparado à área de cima. A luz em sua maioria era artificial e o vão criava uma iluminação difusa. Por conta dessa iluminação ASA e DAX aparentavam muito mais serem formas de mancha de cor preto, uma espécie de tapete ou de buraco, do que recortes em alto relevo assentados sobre o chão. As demais *borrachasdesenho*, após a abertura da mostra, compuseram o processo criativo do ateliê.

### **O Ateliê e o exercício no foyer**

A proposta do Ateliê foi trabalhada junto com Cláudia França para ocupar com a metáfora das “folhas de caderno de desenho”; a caixa de vidro, em seus



3 planos transparentes verticais, plano de chão e o vazio do vão. Como no MACC, o ateliê foi um processo criativo em desenho desenvolvido por mim no próprio local da exposição, desta vez com a participação de João Marques. Tácito fotografou a montagem da instalação e o processo criativo do ateliê.

Para lá levei os mesmos equipamentos e materiais utilizados no museu e no ateliê/casa: para sustentação e apoio, cavaletes e tampo de vidro, e, para cortes, riscos e medidas, régua de metal, estiletes, trena, lápis, entre outros materiais, pois ali estávamos em outra cidade e o viável era ter autonomia para realização da proposta.

No *foyer* muito mais ações corporais conjuntas foram desenvolvidas com a operacionalização do material borracha - ali o corpo trabalhou de modo mais enfático e constante do que as ações realizadas no museu. Naquele lugar foi preciso mover, carregar, abrir, levantar, cortar e, principalmente, subir/descer e soltar muitos rolos de borracha para que a concepção de “páginas de caderno” fosse modelada no espaço real.

A necessidade dessas várias e diversas ações estava vinculada às especificidades do espaço: ambiente monumental e verticalizado, estrutura dura e fixa de ferro e vidro, uma única parede de reboco, dois pavimentos e um vão, além da existência de escada e elevador. O prédio tombado. E a função usual do espaço era de antessala, destinada a acolher o público na espera do início das apresentações cênicas. Uma movimentação distinta, portanto, da movimentação que se tem em um museu de arte. Um ambiente completamente oposto ao do museu, mas com um espaço plenamente propício às expectativas da pesquisa.

A borracha já conhecíamos como maleável e de fácil corte. Apresentava cor opaca preto, espessura, dimensão, som e, ali, tinha mais PESO e GRAVIDADE.

E o espaço? o que era para nós - eu, Cláudia e João? No nosso entendimento, estávamos lidando com dois materiais: a borracha e o espaço da caixa.

Cláudia afirmava que o espaço também podia ser percebido como

matéria. E de fato, a matéria espaço e a matéria lençol de borracha foram moldadas em *borrachadesenho* no espaço real de modo a formarem planos de matéria escura nas interseções com as estruturas verticais, horizontais e vazadas do espaço da caixa. Os longos lençóis de borracha forneciam o controle de entrada de luz vinda de fora e isso os aproximou de uma ambientação cênica, o que tinha a ver com a função daquele lugar.

João e eu desempenhamos ações conjuntas performáticas no ir e vir de nossos corpos em direção à configuração das páginas. Numa das várias páginas, os rolos desenrolados foram alçados para cima, depositados por sobre as vigas, soltos em mantas para baixo a frente da grade de ferro e vidro. O resultado da ação foi a intersecção entre os dois materiais – borracha e espaço – em que, de um lado, agiu o peso e a gravidade na direção do plano do horizontal e, de outro, a conformação monumental de planos verticais criados pela opacidade e vedação da cor intensa do preto das borrachas.



FIG. 14. Instalação - *Habitar o(utro) Espaço*, borracha vulcanizada e ferro, ocupou entorno de 250m<sup>2</sup> no primeiro piso e 60m<sup>2</sup> no chão do térreo, Foyer do Teatro Municipal de São Carlos “Dr. Alderico Vieira Perdigão”, 2011.

Foto: Tácito Carvalho e Silva. Fonte: arquivo da artista.

É nesta ação, registrada pela foto de Tácito [Fig.11], que a inquietude do mundo também se dá a ver e agir sobre a interação entre as duas matérias por meio da luz do dia ou da luz da claridade da noite que invadem a caixa. No tempo da mostra, a claridade, bem como a incidência dos raios de sol e o calor, modificaram a textura lisa da borracha e lhe deram nuances de cor acobreada e alaranjada.

As mesmas mantas, quando no plano horizontal, acionaram a percepção do público ao torná-los espectadores e “performers” da situação, visto que, para se deslocarem no *foyer*, era preciso caminhar por entre as borrachas, desviar, pular ou mesmo passar por cima ou por baixo das mantas, dos amontoados e dos rolos de borracha.

Durante o processo criativo, foi preciso negociar o uso de equipamentos, como escada longa e, principalmente, o compartilhamento do espaço do *foyer* com os responsáveis pela produção das peças cênicas. Isso quer dizer que os equipamentos especiais eram demandas das peças teatrais sem uso compartilhado com as exposições em artes visuais. Minha instalação contrariou as exposições costumeiras de artes visuais, cujo diálogo com o espaço real era menos ousado ou então convencional.

Em outra “página”, eu e João deixamos a manta desenrolar de um lado ao outro e para baixo no vão livre. O resultado foi que, na verdade, a gravidade e o peso são a mesma coisa. A gravidade é a força que direciona as coisas para o centro da terra, quanto mais peso, mais rápido é esse movimento. Desse modo, os elementos tridimensionais do espaço, como a escada ou a caixa do elevador, proporcionaram formas curvas e contracurvas da borracha, dando maior poesia ao movimento inexorável das borrachas em direção ao piso inferior.

## **Considerações Finais**

Finalizo retomando o posicionamento de Richard Serra acerca da metáfora

da bola que quica em um solo irregular e que, por isso, não retorna para suas mãos. Vale a pena a repetição de seu pensamento:

Eu queria uma dialética entre a percepção que uma pessoa tem do lugar, em totalidade, relação que tem o campo, caminhando. O resultado é uma maneira da pessoa se medir a si mesma, ante a indeterminação do terreno. Não estou interessado em olhar a escultura definida exclusivamente por suas relações internas. Quando você quica uma bola em solo irregular, ela não volta para a sua mão. (Serra *apud* Ferreira, 2006: 326)

Penso que o lençol de borracha é a minha bola. Antes eu o lancei sobre um espaço relativamente regular, como o Museu de Arte Contemporânea de Campinas. Se eu tivesse feito outra instalação em um espaço similar ao MACC, certamente a borracha quicaria e voltaria para as minhas mãos. Mas eu lancei a bola – lençol de borracha, para um lugar de topografia bem distinta à topografia do MACC. Um solo irregular, que gerou outro movimento para a bola/lençol de borracha. E assim será, sempre que um lugar diferente for requisitado para que os lençóis de borracha o *habitem*.



FIG. 14. Instalação - *Habitar o(utro) Espaço*, borracha vulcanizada e ferro, ocupou entorno de 250m<sup>2</sup> no primeiro piso e 60m<sup>2</sup> no chão do térreo, Foyer do Teatro Municipal de São Carlos “Dr. Alderico Vieira Perdigão”, 2011. Foto: Tácito Carvalho e Silva. Fonte: arquivo da artista.

## Referências

- FRANÇA, C. "Diante das Impurezas do Branco: um olhar para alguns desenhos de Lúcia Fonseca". Texto da exposição *Modos de Habitar*. Campinas/SP, 2009.
- \_\_\_\_\_. "Borracha, transparência e peso no espaço real: por um novo modo de habitar os desenhos de Lúcia Fonseca". *Revista Estúdio. Artistas sobre outras obras*. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, vol. 3, n. 5. 2012, p. 148-154.
- FERREIRA, G. *Escritos de artistas. Anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MATISSE, H. *Escritos e Reflexões Sobre Arte*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- NAVES, R. (apres.). In: TASSINARI, A. *O espaço moderno*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- O'DOHERTY, B. *No Interior Do Cubo Branco. A Ideologia do espaço da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

## Notas

- \* Este texto foi apresentado em live comemorativa dos 50 anos do Instituto de Artes da Unicamp em 19 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.iar.unicamp.br/content/851/>.
- \*\* É artista visual natural de Campinas (SP). Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, 2001; Mestre em Artes Pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 1994; Professora do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da Universidade Estadual "Zeferino Vaz" - UNICAMP, de 1983 a 2016. Atuou como professora e professora colaboradora no Programa de Pós - Graduação em Artes Visuais de 2016 à 2019; foi professora de desenho no Curso de Graduação em Artes Plásticas e criou Curso de Especialização em Artes Visuais; Coordenou a Galeria de Artes - GAIA do instituto de Artes da UNICAMP. Coordenou o Grupo de Pesquisa Estratégias Expositivas do Desenho em Arte Contemporânea. Desenvolve trabalhos em Artes Visuais, linha de pesquisa em poéticas e processos de criação, com ênfase em Desenho Contemporâneo. E-mail: luciafonseca.av@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7714-6230>. O grupo de pesquisa Estratégias Expositivas do Desenho em Arte Contemporânea (2014/2019) estava associado ao Instituto de Artes - IA da Universidade Estadual de Campinas "Zeferino Vaz" - UNICAMP. Este grupo estava sob liderança da Profa. Dra. Lúcia Fonseca, que era integrado por 14 membros, em sua maioria seus orientandos de mestrado e doutorado. Comportava ainda membros convidados, como livres pesquisadores e recém doutores, docentes da UNICAMP e de outras universidades.
- O grupo de pesquisa propunha investigar o Desenho e seus diversos modos de ação poética, dirigidos para o espaço bi e tridimensional. Entendido como linguagem de mobilidade ampla, presente em diversos territórios do conhecimento, o Desenho apresenta uma natureza diversa de sentidos e direções. É regido não só por um leque de possibilidades e modalidades gráficas, mas também por seu conceito expandido que envolve a pesquisa de suportes, a pesquisa de gestualidades e a pesquisa de materiais gráficos. Para tratar dessas questões, este grupo propôs investigar o desenho



contemporâneo na sua diversidade de experiências a partir de algumas chaves de acesso, que podem ou não passar pelo ato de escrever, ler, cartear, registrar, apagar, acumular, narrar, mapear, mover, projetar, instalar, ocupar, compartilhar, e pensar. O estudo abrangia o processo de criação visto sob os pontos de vista do local expositivo e do material de gaveta, ou seja, do ateliê/exposição, onde ocorre in loco uma sucessão de estados de desenho e/ou das anotações e registros íntimos de uma criação. Como parte da investigação, o grupo abrangia estudos sobre o Livro e o Caderno de Artista tendo como ponto de partida o Desenho e suas interfaces com outras linguagens da Arte Contemporânea, como a fotografia, a performance, a pintura, a instalação e o objeto. Também levava em conta possíveis relações com áreas diversas do conhecimento.

- 1 Habitar o(outro) Espaço – Instalação de Lúcia Fonseca, realizada no foyer do Teatro Municipal "Dr. Alderico Vieira Perdigão", de São Carlos, São Paulo, no período de 03 de outubro a 30 de dezembro de 2012. Curadoria Cláudia França. Ateliê da Artista: processo em desenho desenvolvido no local da mostra no período de 23 a 30 de outubro de 2012 das 9:00h às 21:00h, assistente: João Marques. Fotos de Tácito Carvalho e Silva. Texto de apresentação "Borracha, transparência e peso no espaço real: por um novo modo de habitar os desenhos de Lúcia Fonseca", de Cláudia França. Ver (França, 2012).

Habitar o Espaço – Instalação de Lúcia Fonseca, realizada no Museu de Arte Contemporânea de Campinas (MACC), São Paulo, no período de 17 de novembro a 11 de dezembro de 2011. Curadoria Cláudia França. Ateliê da Artista: processo em desenho desenvolvido no local da mostra no período de 05 à 11 de dezembro de 2011, assistente: Cloves Marcão. Fotos de Tácito Carvalho e Silva. Texto de apresentação "Borracha, transparência e peso no espaço real: por um novo modo de habitar os desenhos de Lúcia Fonseca", de Cláudia França. Ver (França, 2012).

Modos de Habitar – Desenhos de Lúcia Fonseca, realizada na Galeria Municipal "Ido Finotti", Uberlândia, Minas Gerais, no período de 10 de agosto a 24 de setembro de 2010. Texto de apresentação "Diante das Impurezas do Branco: um olhar para alguns desenhos de Lúcia Fonseca", de Cláudia França. Campinas/São Paulo, outubro de 2009.

Exposição coletiva Como Habitar o Desenho, realizada no Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, no período 09 de maio a 10 de junho de 2018. Participaram desta exposição os artistas: Adriana Dias, Daniela Avelar, Del Pilar Salum, Heloísa Angeli, Júnior Suci, Laís d Oliveira, Lúcia Fonseca, Luciana Válio, Luise Weiss, Merien Rodrigues, Renato Almeida, Valéria Schornaienchi e Yuly Marty. Curadoria Cláudia França. A exposição coletiva fez parte dos trabalhos do grupo de pesquisa Estratégias Expositivas do Desenho em Arte Contemporânea/Instituto de Artes da UNICAMP. Folder impresso pelo Centro de Artes-UFF. Curadoria e Texto de apresentação "Como Habitar o Desenho", de Cláudia França, 2018.

Texto submetido em fevereiro de 2022. Aprovado em abril de 2022.